

MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E LITERATURA: A RECONFIGURAÇÃO DAS IDENTIDADES DE SUJEITOS DESLOCADOS

MEMORY, FORGETFULNESS AND LITERATURE: THE RECONFIGURATION OF IDENTITIES OF DISPLACED SUBJECTS

Daniel Antonio Coelho Silva¹

RESUMO:

A proposta de artigo é a de refletir sobre o papel da memória na reconfiguração das identidades dos sujeitos deslocados. A literatura, também procurou retratar a situação desses indivíduos, tanto nos relatos poéticos, quanto nos relatos autobiográficos como por exemplo, no poema Canção do Exílio, de Gonçalves Dias, e nas obras É isto é um homem? de Primo Levi e 12 Anos de escravidão de Solomon Northup.

PALAVRAS-CHAVE: Deslocamento; Memória; Identidade; Reconfiguração.

ABSTRACT:

The article proposal is thinking about the memory role in the reorganization of the identities of displaced persons. The literature also wished to portray the situation of these people through poetic tales and autobiographical narratives such as the poem "Exile song", by Gonçalves Dias, and "Is it a man?", by Primo Levi and "12 Years a slave", by Solomon Northup.

KEYWORDS: Displacement; Memory; Identity; Reconfiguration.

01 – INTRODUÇÃO

Os deslocamentos humanos produzem novos sentidos nas identidades dos sujeitos, particularmente por que esses deslocamentos provocam alterações profundas nos comportamentos dos indivíduos. Assim, o deslocamento territorial dos sujeitos não se faz sem a articulação entre a memória e a identidade. Nesse aspecto, os sentimentos de pertencimento dentro de grupo deslocado são reelaborados no novo espaço de moradia.

As identidades culturais são elementos que estão em constante reelaboração de seus conteúdos, particularmente porque os indivíduos deslocam-se no espaço sejam por razões econômicas, seja por razões políticas, guerras,

¹ Mestrando em Ciências Sociais, especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia e especialista em Administração Pública pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial. Professor da Rede Estadual de Ensino. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7153537921374199>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XI Jan-jun 2015	Trabalho 04 Páginas 53-64
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

sequestros e etc.

Os deslocamentos individuais e coletivos contribuem de forma significativa para a reconfiguração das identidades dos sujeitos, porém não as reconfiguram, sem que a memória, seja também reelaborada. Nesse sentido, a memória é um arquivo humano que se faz e refaz na articulação entre o presente e o passado, na seleção e na reinterpretação dos conteúdos a serem lembrados e no “apagamento “das lembranças que devem ser esquecidas.

A produção das identidades e da memória são permeadas por relações de poder que influem de maneira direta nas posições dos indivíduos em sociedade, assim a manipulação de seus conteúdos é perfeitamente possível, já que há interesses a serem atendidos, que nem sempre representam o interesse da maioria.

A proposta deste artigo é a de refletir sobre o papel da memória na reconfiguração das identidades dos sujeitos deslocados. A literatura, também procurou retratar a situação desses indivíduos tanto nos relatos poéticos, quanto nos relatos autobiográficos, como por exemplo, no poema Canção do Exílio, de Gonçalves Dias, e nas obras *É isto é um homem?* de Primo Levi e *12 Anos de escravidão* de Solomon Northup.

02 – MEMÓRIA E ESQUECIMENTO NOS SUJEITOS DESLOCADOS.

Para Seligmann-Silva (2003, pg 62), “o registro da memória é mais seletivo e opera na double bind entre a lembrança e o esquecimento, no tecer e no destecer”. Nesse sentido, é um arquivo em constante reelaboração de seus conteúdos, já que as alterações que ocorrem no presente vivido dos indivíduos operam como instrumento de reinvenção do passado.

A memória possui uma dupla relação com o esquecimento, segundo Seligmann-Silva (2003) nós devemos lembrar de esquecer, do mesmo modo não devemos esquecer de lembrar, isto é, existem conteúdos ou arquivos que ao serem “apagados “libertam os indivíduos de situações constrangedoras, por outro lado, a manutenção da lembrança pode fazer que com os sujeitos não repitam os erros do passado. Nesse sentido, a respeito do esquecimento como um instrumento de grande importância nas ações futuras dos sujeitos, Peixoto e Vergara (2009)

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XI Jan-jun 2015	Trabalho 04 Páginas 53-64
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

afirmam que:

É bem verdade que o esquecimento cumpre um papel importante. Walter Benjamin, em seu ensaio “Experiência e pobreza” (1933), elogia o esquecimento, pois ele “nos impele a partir para a frente, a começar de novo”. A superação da tradição (uma outra forma de se referir ao esquecimento), para Benjamin era um “ganho em espaço de liberdade”. (PEIXOTO; CERQUEIRA, 2008, p. 133)

A questão complexa, neste caso, é saber o que deve ou não ser esquecido, qual arquivo precisa ser “deletado” e qual será utilizado como base para as nossas ações futuras. Por outro lado, a seleção do que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, é uma ação complexa que envolve riscos de manipulações. Então, ao refletir sobre a preservação da memória através de museus, Peixoto e Vergara teceram o seguinte comentário:

O problema para o gestor de memória é, estando consciente dessa dialética entre a *Mnemosyne* e *Letes*, já constatada pelos antigos gregos, definir critérios para estabelecer não somente a hora de lembrar e esquecer, mas sobretudo o que lembrar e esquecer por meio do museu, levando em mente o impacto que essas escolhas terá sobre as reelaborações identitárias. Mas, no limite, não devemos nos aterrorizar, pois, como lembra Seligmann-Silva (2006, p. 61), não podemos cair na “idéia inocente de que podemos controlar nossa memória” (PEIXOTO; CERQUEIRA, 2008, p. 133)

Para Little (1994), os grupos deslocados reelaboram suas identidades no espaço de migração, constituindo assim uma nova forma de ocupação desse local, o que envolve a reconfiguração da memória e o início de um processo de reterritorialização em que cada povo: “procura, de uma ou outra forma, sua relocalização no espaço. O processo de criar um espaço novo torna-se, assim, primordial, e se dá, em parte, pela manipulação múltipla e complexa da memória coletiva no processo de ajustamento ao novo local.” (Little, 1994, pg 11). Ainda segundo Little a ocupação dos espaços são estabelecidas em meio a conflitos que devem ser compreendidos a partir da seguinte visão:

Em suma, essas diferentes formas de territorialização histórica criam lutas divergentes pelo espaço. Muitas vezes elas se superpõem no espaço geográfico e no tempo histórico. É importante notar que todas essas reivindicações são, de uma forma ou de outra, casos de reterritorialidade, pois, se voltarmos no tempo, veremos que são produto de uma (ou várias) migração originária. Legitimam-se por meio de apelos a memórias coletivas divergentes (e muito seletivas) que os grupos sociais construíram na base de suas necessidades que, por sua vez, também mudam com o tempo. (LITTLE, 1994, pg 15).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XI Jan-jun 2015	Trabalho 04 Páginas 53-64
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

As identidades e as memórias dos indivíduos na migração são permeadas por arquivos ou arquétipos, que são parte de esferas de atuação construídas e desconstruídas em situações de discriminação, dominação e de lutas pela sobrevivência.

Para Babha (1998), a identidade não é fixa ou um elemento com base definida, ou seja, ela é um elemento construído e desconstruído discursivamente através das relações entre os sujeitos. Nesse sentido, o processo de elaboração da identidade se faz de forma ambivalente, assim a:

[...] identidade nunca é um a priori, nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade. As condições discursivas dessa imagem psíquica da identificação serão esclarecidas se pensarmos na arriscada perspectiva do próprio conceito da imagem, pois a imagem - como ponto de identificação - marca o lugar de uma ambivalência. (BABHA, 1998, p. 111)

A construção da memória e da identidade não são processos lineares e muito menos se constituem em meras continuidades de situações anteriores. Nesse sentido entende-se que assim como aponta Derrida (2001), a memória é um arquivo que pode ser adulterado (o mal de arquivo), já que há relações de poder que influem na construção dessa memória coletiva e individual, nesse sentido: “todo o arquivo – tiramos daí algumas consequências – é o mesmo tempo instituidor e conservador, Revolucionário e tradicional” (DERRIDA, 2001, p. 17). O que implica na ideia de que a reconfiguração das identidades é realizada dentro de um processo dialético que envolve a construção de sujeitos com identidades móveis e complexas.

03 – MEMÓRIA, IDENTIDADE DE SUJEITOS DESLOCADOS NA LITERATURA

No contexto da literatura não faltam exemplos, histórias em que a terra natal ganha novo significado para o indivíduo se encontra deslocado espacialmente, como foi o caso do poeta Gonçalves Dias no famoso poema “Canção do Exílio” quando este tomado pelos sentimentos de nostalgia e de saudades escreveu que:

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XI Jan-jun 2015	Trabalho 04 Páginas 53-64
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o sabiá;
 As aves, que aqui gorjeiam,
 Não gorjeiam como lá.
 Nosso céu tem mais estrelas,
 Nossas várzeas tem mais flores,
 Nossos bosques tem mais vida,
 Nossa vida mais amores.
 Em cismar, sozinho, à noite,
 Mais prazer encontro eu lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o sabiá. (GONÇALVES, 1969, p. 02)

O sentimento nostálgico foi aumentado na medida em que no exílio do poeta citado, não sente emocionalmente integrado ao novo local de moradia, assim o poeta traça um paralelo entre o local de exílio e a sua pátria, sendo que a sua memória afetiva confere mais “colorido” a seu espaço de origem:

Minha terra tem primores,
 Que tais não encontro eu cá;
 Em cismar - sozinho, à noite -
 Mais prazer encontro eu lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
 Sem que eu volte para lá;
 Sem que desfrute os primores
 Que não encontro por cá;
 Sem qu'inda aviste as palmeiras,
 Onde canta o Sabiá. (GONÇALVES, 1969, p. 02)

Aqui se analisa que o eu lírico de um sujeito deslocado, cuja poética é influenciada por sentimentos provocados pelo distanciamento de seu espaço de vivência, o que provocou uma sensação de desenraizamento, ou seja, o indivíduo passa por processos de reconfiguração de uma identidade que se articula no cruzamento entre dois espaços: o local de origem e o local de destino.

Assim quando o poeta diz “Minha terra primores, que tais não encontro cá” há componentes sentimentais subjetivos que embasam sua opinião e que não necessariamente são a verdade objetiva, já que a memória de alguém que sente saudade de sua terra, seleciona, cria e reinventa os conteúdos que lhe são pertinentes. Nesse sentido, nunca haveria lugar como “lá”, a memória neste caso, serve de elemento de exaltação das virtudes da terra natal, daí a intensa carga emocional manifestada nas estrofes do poema.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XI Jan-jun 2015	Trabalho 04 Páginas 53-64
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

A narrativa autobiográfica de Primo Levi na obra “É isto é um homem?” também pode ser vista, como o discurso de um deslocado que passa por um processo de reconfiguração de sua identidade, a partir do momento em que foi levado a um campo de concentração nazista. Neste local, a sua identidade de judeu se tornou ainda mais explícita através de um sistema de classificação em que eram obrigados a usar nos uniformes, símbolos que representavam identidades judaicas diferentes. Nesse sentido Primo Levi diz que:

Aprendemos rapidamente que os hóspedes do Campo dividem-se em três categorias: os criminosos, os políticos e os judeus. Todos vestem roupa listrada, todos são *Hijitlinge*, mas os criminosos levam, ao lado do número, costurado no casaco, um triângulo verde; os políticos, um triângulo vermelho; os judeus, que formam a grande maioria, levam a Estrela de David, vermelha e amarela. Os SS estão aqui, sim; poucos, porém, fora do Campo, e raramente aparecem. Nossos verdadeiros patrões são os triângulos verdes, que podem fazer de nós o que querem, e, além deles, os das outras duas categorias que se prestem a secundá-los. E estes não são poucos. (LEVI, 1988, p.31)

A narração de Primo Levi é a de um sujeito deslocado, cuja as memórias apontam a construção de um sujeito que foi obrigado a rever seus conceitos, até então, arraigados, e que passou por um processo de reelaboração de sua identidade em um contexto de esquecimento do passado e de anulação do futuro. Primo Levi descreve dessa forma o seu estado de espírito:

Aqui estou então: no fundo do poço. Quando a necessidade aperta, aprende-se em breve apagar da nossa mente o passado e o futuro. Quinze dias depois da chegada, já tenho a fome regulamentar, essa fome crônica que os homens livres desconhecem: que faz sonhar, à noite: que fica dentro de cada fragmento de nossos corpos. Aprendi a não deixar que me roubem; aliás, se vejo por aí uma colher, um barbante, um botão dos quais consiga tomar posse sem risco de punição, embolso-os, considero-os meus, de pleno direito. (LEVI, 1988, p. 35).

O trecho da narrativa de Primo Levi, exposto acima, indica que no campo de concentração os valores morais ensinados no contexto familiar não são totalmente aplicáveis no novo espaço de convivência, assim a ação de “roubar” se justifica na medida em que ajuda a mitigar o seu sofrimento. Há aqui também o apagamento seletivo dos conteúdos de memória que não são úteis para o sujeito naquele local, aliás a identidade se constrói no movimento, entre a necessidade de sobrevivência e um processo de desumanização coletiva provocado pelos nazistas alemães.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XI Jan-jun 2015	Trabalho 04 Páginas 53-64
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Solomon Northup em sua obra autobiográfica “12 anos de Escravidão”, narra uma experiência de sujeito deslocado. Nesse sentido, assim como Primo Levi, perde a sua liberdade e se vê confrontado com uma realidade também de caráter desumanizador, já que passa de condição de pessoa para o status de mercadoria ao ser escravizado. Pode-se observar que a visão de Solomon, antes de se tornar um escravo era a seguinte:

Tendo durante toda a minha vida respirado o ar livre do Norte e consciente de que eu tinha os mesmos sentimentos e afeições que encontram lugar no peito de um homem branco, consciente, além disso, de ter uma inteligência igual à de pelo menos muitos homens de pele mais clara, eu era ignorante demais, talvez independente demais, para entender como alguém poderia se contentar em viver na condição abjeta de escravo. (NORTHUP, 2011, p. 13).

A visão de Solomon exposta, nessa parte da narrativa se aproxima muito da mais da visão de um branco livre ao refletir sobre a escravidão, já que a sua identidade foi construída sobre a consciência de ser um indivíduo livre, apesar de negro e de provavelmente sofrer discriminação da sociedade por isso.

Assim em termos de classificação social, Solomon se sentia pouco abaixo do homem branco, mas em termos de status estaria distante dos negros escravizados, ao ponto de não entender como alguém poderia “se contentar em viver na condição abjeta de escravo”.

Ao ser escravizado Solomon percebe de forma mais explícita a desigualdade entre brancos e negros, na medida em descobre que a sua liberdade era uma concessão dada pelos brancos e que poderia ser retirada, mesmo que de forma ilegal.

O racismo descrito por Solomon através de sua narrativa autobiográfica se encaixa dentro de um paradigma cultural fundamentado na ideia de identidades raciais fixas e de um sistema em que a uma segregação semelhante ao sistema de castas, ou seja, a condição social e econômica não afeta seu status de inferioridade e assim ao se descobrir escravizado conclui:

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XI Jan-jun 2015	Trabalho 04 Páginas 53-64
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Foi então que começou a ganhar espaço em minha mente a ideia, a princípio difusa e confusa, de que eu fora sequestrado. Mas isso me parecia impossível. Deveria ter havido algum mal-entendido — algum engano fatídico. Não era possível um cidadão livre de Nova York, que não fizera mal a homem nenhum, tampouco violara qualquer lei, ser tratado de forma tão desumana. Quanto mais eu contemplava minha situação, porém, mais tinha certeza de minha suspeita. Era um pensamento lamentável, de fato. Senti que não havia confiança ou misericórdia em homens desprovidos de sentimentos; e, voltando-me para o Deus dos oprimidos, deitei a cabeça sobre minhas agrilhoadas mãos e chorei lágrimas amargas. (NORTHUP, 2011, p. 20).

Neste trecho, o autor, começa a identificar e sentir o processo de desumanização que os negros escravizados estavam submetidos, ou seja, eram tratados como animais e mercadorias. E também sob condições na maioria das vezes de extrema crueldade.

Assim, Solomon reconfigura a sua identidade a partir de sua experiência de deslocado, tanto no sentido do deslocamento espacial, quanto no sentido do deslocamento da sua identidade, já que no novo local de sobrevivência se vê na situação de escravizado.

Diferentemente de Primo Levi, o narrador de “12 anos de Escravidão” alimentava uma esperança de sair de condição de prisioneiro e voltar a liberdade, neste trecho Solomon afirmava com clareza que:

Quando o sono levava a melhor sobre mim, eu sonhava com eles — sonhava que estava novamente em Saratoga, que podia ver seu rosto e ouvir sua voz me chamando. Ao acordar dos agradáveis fantasmas do sono para a dura realidade a meu redor, eu só podia gemer e chorar. Ainda assim, meu espírito não estava corrompido. Sonhava com uma fuga, e com uma fuga que não tardasse. Era impossível, raciocinei, que homens fossem tão injustos a ponto de me manter em cativeiro como um escravo uma vez que a verdade sobre meu caso se desse a conhecer. (NORTHUP, 2011, p. 24)

Para Primo Levi e seus companheiros, a liberdade não era almejada de forma tão enfática, como no caso de Solomon, então, o pessimismo entre os judeus no campo de extermínio era mais latente:

Se fôssemos seres razoáveis, teríamos que aceitar essa evidencia, que não podemos, absolutamente prever nosso destino; que qualquer é arbitrária e carece de todo fundamento. Raramente, porém, os homens são razoáveis, quando está em jogo a sua própria sorte; eles preferem sempre as atitudes extremas; conforme seu caráter, alguns de nós convenceram-se logo de que tudo está perdido, de que aqui não dá para viver, de que o fim está próximo e inevitável. (LEVI, 1988, p. 34).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XI Jan-jun 2015	Trabalho 04 Páginas 53-64
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Na experiência de Primo Levi e de alguns de seus companheiros, o sentimento de viver um dia de cada vez era mais realista do que pensar no futuro melhor, longe do campo de concentração e junto da família. Para outros, a morte era a única saída segura do sofrimento pelo qual estavam submetidos.

Se Solomon diferente de Primo Levi, eram um sujeito deslocado que demonstrava possuir esperança de dias melhores, o mesmo não acontece com a sua companheira de escravidão chamada Patsey que lhe pede que a mate afim de se ver livre da perseguição pela qual estava submetida.

A memória nos textos literários analisados acima é um componente fundamental para a reconfiguração das identidades dos indivíduos, pois permite aos mesmos refletirem sobre a sua condição humana. Por outro lado, indica que as relações sociais são permeadas por conflitos originados na maioria das situações pela tentativa de manipulação e controle dos sujeitos. Nesse sentido não é possível acreditar na construção da memória e da identidade destituída de interesses.

Para Le Goff (1998), a memória possui um sentido profundo nas experiências dos sujeitos. Na medida em que influencia suas ações, estão sujeitas a manipulações daqueles que detém controle político e econômico. Nesse aspecto, o lembrar e o esquecer não são elementos destituídos de interesses ideológicos, já que podem ser manipulados em favor de grupo ou indivíduo, perpetuando assim a desigualdade na sociedade.

Nesse sentido, Le Goff afirma que:

Finalmente, os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento (nomeadamente no seguimento de Ebbinghaus), nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1998, p. 368)

O que nos leva a pensar que é preciso desconfiar daquilo que a sociedade nos ensina através da memória coletiva, mas desconfiar também da nossa memória individual. Assim, é possível entender que a memória e a identidade, são entre outras coisas, elementos discursivos que sofrem alterações de sentido de

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XI Jan-jun 2015	Trabalho 04 Páginas 53-64
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

acordo com o contexto histórico e social.

04 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Os três exemplos literários apresentados neste artigo, apresentam narrativas de caráter autobiográfico, sujeitos deslocados que demonstram o papel fundamental da memória para reconstrução das identidades dos indivíduos. Assim os “exílios” pelos quais Gonçalves Dias, Primo Levi e Solomon Northup são submetidos apresentam situações de desenraizamento que fazem com que os mesmo reconfigurem as suas identidades e suas memórias a partir separação abrupta de suas terras natais.

No exemplo de Gonçalves, o deslocamento produz uma nova forma de ver a terra natal, que passa a ser mais, bela mais atraente em oposição ao local de exílio, mas essa é uma identificação, da qual a memória afetiva se encarrega de apagar as lembranças tristes do lugar de origem do poeta. Nesse sentido não há como negar o caráter seletivo das lembranças.

Primo Levi, reconfigura a sua identidade judaica a partir de sua experiência no campo de concentração nazista, assim no local de desterro, produz uma narrativa cuja a principal lembrança é a luta constante para não sucumbir ao processo de desumanização imposto pelo sistema. Por outro lado, o autor afirma que para sobreviver naquele espaço, era também necessário esquecer valores culturais cujo o conteúdo não o ajudava a sobreviver naquele espaço.

Solomon Northup, passa pela experiência de ser sequestrado e vendido como escravo, o que configura uma situação de deslocamento abruta, já que apesar de negro em país que permitia escravidão eram um indivíduo livre desde o seu nascimento. No caso de Solomon, a sua identidade de homem livre é confrontado com uma identificação que lhe é imposta pelos brancos escravizadores.

A condição de ser livre e passar a ser uma mercadoria, é também um processo de desumanização que produz uma sensação de descentramento no sujeito que passa lutar com todas as forças contra essa situação. É interessante observar que Solomon para sobreviver, precisa por um momento “esquecer que é um homem livre” e encenar a mentalidade de escravo para que possa sobreviver

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XI Jan-jun 2015	Trabalho 04 Páginas 53-64
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

dentro do sistema escravocrata e então buscar por outros meios a sua liberdade.

A identidade dos sujeitos deslocados sofre as influências das condições do novo ambiente de moradia, sejam elas as situações de exílios voluntários, ou de exílios involuntários. Observa-se que, não podemos falar na construção de identidades fixas, já que elas são reconfiguradas a partir da relação entre o local de origem e o local de destino dos indivíduos.

Por outro lado, não se pode falar em reconfiguração das identidades de sujeitos deslocados, sem se considerar a importância da memória neste processo, já que há geralmente uma articulação entre presente e passado que auxilia na reelaboração do novo espaço de vivência dos indivíduos.

Também quando analisa-se a questão da memória é preciso pensar que ela é um arquivo em construção e que possui conteúdos manipuláveis e que está sujeita, a apagamentos voluntários ou não, mas que possuem íntima relação com as novas configurações de identidades que os sujeitos assumem em seus contextos históricos

05 – REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001 [1995].

GONÇALVES, Dias. *Poesia*. Coleção "Nossos Clássicos". São Paulo, Agir, 1969.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Tradução de Luigi Dei Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LITTLE, Paul. E. Espaço, memória e migração: Por uma teoria da reterritorialização. *Textos de História*, v. 2, nº 4, Brasília, 1994. Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/5757/4764>. Acesso em 12/12/2014.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XI Jan-jun 2015	Trabalho 04 Páginas 53-64
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

NORTHUP, Solomon. *Doze anos de Escravidão*. Tradução de Caroline Chang. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2014.

PEIXOTO, Luciana da S. e CERQUEIRA, Fábio Vergara. Museu e identidade ítalo-descendente na Serra dos Tapes, Pelotas/RS: o projeto do Museu Etnográfico da Colônia Maciel. *MÉTIS: história & cultura*, v. 7, n. 13, p. 115-137, jan./jun. 2008. Disponível em <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewArticle/697>. Acesso 13/01/2015.

SELIGMANN-Silva, M. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: Seligmann-Silva, M. (org.). *História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes* (p. 59-89). Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XI Jan-jun 2015	Trabalho 04 Páginas 53-64
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	